

ITINERARIO DAS ARTES PLASTICAS

JAYME MAURICIO

Os soturnos e elegantes espectros de Serpa

A exposição de Ivan Serpa que o Museu de Arte Moderna do Rio inaugurou quinta-feira não é, como se anunciou, uma retrospectiva ou mostra-revisão como chamamos, mas uma individual da fase mais recente, figurativa, iniciada há uns três anos e já exposta, nos seus primeiros e polémicos resultados, em galeria da Zona Sul. E essa orientação foi acertada: a capacidade inventiva e o virtuosismo artesanal de um pintor tão jovem quanto experimental por certo ainda nos darão muitas retomadas de posição e conceitos. Serpa, porém, não resistiu à tentação de mostrar algumas peças antigas e *collagens*. Poucos pintores brasileiros representarão tão bem esse fecundo, inquieto e algo instável período que marca a pintura e a crítica de arte destes últimos 15 anos, após os museus de arte moderna e a bienal paulista. A literatura sobre a obra de Serpa é exaustiva — deu e continua dando o maior trabalho à imaginação e competência da crítica técnica e literária, quase sempre deslumbradas com o seu virtuosismo técnico, inventiva e espírito artisticamente cultivado. E a fase atual, expressionista, como todo o Expressionismo de todos os tempos, vai proporcionar muitos vãos de imaginação aos poetas e escritores, os quais já começaram, aliás, a dar os mais românticos títulos ao excelente Serpa, como pintor maldito, pintor macabro, etc.

Dissemos que a pintura atual de Serpa é expressionista. E desde logo vamos lembrando que o expressionismo bem, mais que um estilo é uma concepção de vida e uma visão do mundo concebidos por dentro. De uma maneira mais simples ainda poderíamos dizer tratar-se da projeção do homem (pintor) sobre a natureza, sobre os acontecimentos, sobre ele mesmo. A fatura da pintura expressionista é quase tão ampla quanto o próprio número de pintores expressionistas. E embora não tenham nenhuma doutrina rígida comum, tem-se a impressão de que todos eles se submetem a um

conjunto de leis instintivas que lhes assegura uma grande unidade, figurativos ou não-figurativos. O termo, portanto, é dos mais elásticos. Cobre um grande raio de ação e alcance, inclusive, o nosso Serpa nessa fase a que alguns querem chamar de neo-figurativa, exclusivamente para não perder a tônica vanguardista. Expressionista é Serpa enquanto fecha os olhos sobre o que vê e pinta no espírito; enquanto não se deixa impressionar pela coisa que viu mas exprimir a coisa que sente; enquanto deixa que a imagem psíquica supere a imagem óptica ou visual; enquanto se abandona aos impulsos os mais violentos do instinto; enquanto concebe a vida e a natureza dominadas por forças tumultuosas, desunidas e por vezes desastrosas e dramáticas; enquanto, ao pintar, repensa, recria, segundo seu temperamento, arbitrariamente sem o peso de um sistema; especialmente enquanto suas telas continuam a ser um retrato e uma confissão do seu autor. Só não será expressionista — e aí mais uma vez estará em luta com o seu perfeccionismo técnico — quando não é sinceramente direto, impetuoso, apaixonado e verdadeiramente *crispado*; quando não está verdadeiramente numa espécie de *trance* que transforme sua pintura numa espécie de *medium* de uma sensibilidade superaguda; quando não é monumental e cai numa medida menor, alheia ao elan vital primitivo.

Feitos esses reparos, necessários à compreensão da mostra e da fase, vamos ao encontro da criação de Serpa. Pela primeira vez, parece-nos, o artista aparece totalmente conseqüente do sentimento deixando de lado o intelecto que quase sempre guiou seu trabalho. A emoção está na base de todas as telas. O romantismo quase sempre adivinhado nesse pintor aparentemente tão racional explode em motivações angustiantes, quase macabras e depressivas. Tonalidades baixas e ardentes, contornos sombrios, desenho sólido e preciso. A forma sub-

dina-se à expressão emotiva mas o cuidado artesanal, essa terrível sedução de Serpa, impede a estridência ou a desordem. Assim, surpreendentemente, os problemas de vida e morte, de solidão, as relações entre o irreal de um pesadelo e o real de uma natureza ameaçada e ameaçadora, as reações éticas ou políticas, enfim todas as motivações desagregadoras possíveis do pintor, são veiculadas numa harmonia lúgubremente agradável. A boa qualidade de pintura, em nosso entender, supera as motivações dramáticas. Ocorre-nos por vezes que o artista atormentado é traído pelo esteta, pelo virtuosismo do pintor. Pois que de toda essa mostra a impressão final é a de que Serpa confere à decomposição espectral de seus personagens uma profunda melancolia, uma solidão quase desejável, e sobretudo uma sôterna beleza de valores formais e tonais.

Bonino: via sacra de Marcier

Giovana Bonino de volta do México e Estados Unidos está convidando para a exposição de uma Via Sacra do pintor Eméric Marcier, no dia 30 do corrente, às 21 horas. A mostra ficará aberta durante apenas uma semana pois os quadros deverão seguir para a Europa, onde aliás já se encontra o seu autor.

Goerg e Weiller na Academia de Belas-Artes

PARIS — Um pintor conhecido, Edouard Goerg, e um "mecenado" Paul Louis Weiller, foram eleitos para a Academia de Belas-Artes.

Edouard Goerg, que ocupa a cadeira de Van Hasselt, na seção de pintura, nasceu em 9 de junho de 1893, em Sidney, (Austrália). Participou de numerosas exposições, principalmente em Nova York, Genebra e Chicago. Algumas de suas telas se encontram no Museu de Arte Moderna, nos museus de Copenhague, Bruxelas, Gand, Chicago. Ele ilustrou inúmeros livros de arte, de modo particular "Les

fleurs du mal", "L'Apocalypse", "Job", "Knock" e em todos estes livros deu provas de ser um gravador de classe.

Como pintor Goerg figurou entre os "expressionistas franceses", em seguida alcançou o surrealismo e um certo estilo fantástico, sem contudo pertencer a alguma escola determinada. Mas seu estilo conserva uma unidade acentuada que dá um cunho especial a suas telas.

P. L. Weiller, que sucede a Paul-André Lemoine na seção dos membros livres, a título de mecenas, é um industrial que tem apoiado constantemente as artes e sobretudo os espetáculos de dança de Roland Petit e Zizi Jeanmaire.

"Jean Cocteau et son temps"

PARIS — No museu Jacquemart-André, de Paris, acaba de ser inaugurada a exposição "Jean Cocteau et son temps", que reúne cerca de seiscentas peças cedidas por todos os familiares do poeta. Os visitantes têm a surpresa de descobrir nos desenhos da infância de Cocteau as fontes de sua mitologia e a pré-figuração de seu trabalho "Le Sang d'un poète". Os desenhos de Jean Cocteau, de seu irmão Paulo e de sua irmã Marthe já constituem alguns "Portraits-souvenirs".

Cinco grandes salas evocam em torno de Cocteau "les monstres sacrés", "le Boeuf sur le toit", o tempo de Montparnasse. Um lugar especial está reservado aos bailados russos.

O cartaz-propaganda da exposição ressalta o retrato de Cocteau por Picasso, escolhido, entre muitos, desenhados por artistas, tais como Madrazzo, Modigliani, Bérard. Naquele meio em que os modelos tinham tanto talento quanto os artistas, foi-nos dado o ensejo de apreciar uma surpreendente galeria de retratos: Cocteau, por Bakst, Bakst, por Cocteau, Radiguet, por Mari Laurencin, Colette, Jules Lemaitre e Reynaldo Habru por Cocteau, etc.

Vê-se também o busto de Cocteau esculpido no granito por Lipschitz e que jamais saía do quarto do poeta.

